

(SOBRE)VIVENTES DE SECAS: A FAMÍLIA NORDESTINA NA VISÃO DO ROMANCISTA GRACILIANO RAMOS

Maria da Conceição Alves Rodrigues

Resumo: No Semi-árido do Nordeste brasileiro, ontem como hoje, um dos fenômenos que se apresenta como o maior entrave ao desenvolvimento econômico e social, é, sem sombra de dúvida, o flagelo das secas. Assim sendo, elaboram-se neste contexto, interpretações conceituais diversas sobre a questão, que vai da interpretação popular, política, sociológica etc., à interpretação literária. Neste trabalho, procurou-se perceber a retratação dessa realidade de seca, mais especificamente, da família que nela habita, a partir de uma obra literária. Tem como referencial o romance "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, em cujo conteúdo, é possível perceber a realidade de uma família de nordestinos que, como muitas outras, é obrigada a deixar o lugar em que vive para sair em busca de sobrevivência em outros lugares sempre que ocorre uma seca.

Palavras-chave: Literatura, Seca, Família, Cultura, Romance Regional.

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro, região assolada intermitentemente pelo flagelo das secas, tem servido de cenário para enredos diversos sobre a questão. Culturalmente o fenômeno tornou-se um elemento constitutivo de boa parte desse contexto. Quando se fala em semi-árido nordestino, vem à mente um aglomerado de significados que está pronto, (seca, atraso, miséria...), que foi passado pelo discurso popular, político, sociológico, literário, regionalista etc. Todos esses fatores fazem parte de um universo de imagens, símbolos e códigos que definem essa sociedade assim como definem também os homens e as mulheres que nela habitam.

Nos romances regionais, a exemplo do que ocorre com outros discursos formadores da imagem nordestina e de seus problemas, a região Nordeste é caracterizada com cores fortes, que realçam o flagelo dos nordestinos ao se deflagrar o fenômeno das estiagens. Mesmo porque os romances constroem imagens do Nordeste onde impõem a fome, a miséria e a falta de água.

A família nordestina é uma figura que está presente em praticamente todo romance regional, caracterizada com cores fortes, que realçam o sentimento do pai, da mãe e dos filhos; que projetam suas relações com este ambiente hostil, tal qual se apresenta no romance "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, que aqui foi tomado como ilustrativo dos demais romances, assim como de tantas outras famílias nordestinas retratadas em outros romances regionais que expressam uma realidade de seca. Como as demais famílias de retirantes, a família de Fabiano em "vidas Secas" (mulher e dois filhos), sofre os flagelos da seca, e que por isso são obrigados a migrarem constantemente em busca de sobrevivência em outros lugares sempre que ocorre o fenômeno.

A FAMÍLIA NORDESTINA NA VISÃO DO ROMANCISTA GRACILIANO RAMOS

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala".¹

¹ RAMOS, Graciliano. Vidas Secas (1994: 9)

A literatura, ao contrário de ser um simples testemunho da sociedade, é um corpo de documentos do imaginário dos mais férteis. Pode ser capaz de revelar os conflitos dissimulados e desejos não realizados. Possibilita resgatar projetos e realidades, na medida em que a produção literária não está fora do seu tempo ou do seu espaço social. Os relatos contidos em uma obra estão, de alguma forma, articulados com o movimento da sociedade a qual o autor pertence. Este autor é um homem do seu tempo e, como tal, está influenciado pela cultura de sua época, do seu meio, e que, mesmo quando expressa desejos e projetos imaginários é um homem de um tempo e de uma sociedade.

O literato transmite os acontecimentos dessa sociedade, considerando, inclusive suas implicações e as relações teoria-prática de uma realidade concreta. É uma dimensão da prática social que pressupõe realidade, modos de vida e relações sociais.

Criar livremente a trama que compõe sua obra, não torna o literato menos sintonizado com o mundo em que vive sua experiência existencial. Assim sendo, sua obra tende a vir impregnada dos valores do real vivido em que está inserido, se constituindo numa representação "fiel" deste real.

Cada romancista tem uma forma particular de ler o mundo em que vive retratando-o em sua trama. Mesmo se tratando de uma ficção, o literato não deixa de estar imbuído nos problemas do seu mundo real, e é pôr isto que deixa retratar esse "mundo real" em seus romances.

A literatura enquanto expressão do real vivido, não se restringe apenas a uma descrição imaginária, mas uma expressão profícua que proporciona uma salutar representação deste real. Não se trata de apenas transformar esta realidade em ficção a partir de enunciações discursivas, mas sim, de entender cada discurso como produzido no interior de determinados contextos sócio-culturais, certas evidências empíricas acerca de respectivos enunciados discursivos.

Ao se perceber o discurso literário como resultado de outros discursos, produzidos sob uma determinada intencionalidade, que busca construir o real de diferentes maneiras, ordenando e apresentando os conteúdos de formas diferenciadas, as vezes conflitantes, a antiga oposição entre realidade e romances literários, entre análises dos conteúdos e da forma da obra, cede lugar ao diálogo.

Desse modo, as ciências sociais se apropriam do discurso literário, interpretando a realidade aí retratada, procurando saber não apenas o que a obra contém e como esta se articula, mas como ela é interpretada pelo leitor. Quais as possíveis interpretações que obra literária suscita, como ela está relacionada com o público leitor, quem é este e como se dá o movimento de apropriação dos discursos.

Com certeza, há um número significativo de situações em que a literatura pode se constituir como expressão cultural de uma sociedade. Tal qual a situação de secas do Nordeste brasileiro, historicamente retratada na literatura regional. Nestes romances é possível "ler" a realidade desta região a partir de alguns temas que estão neles representados. Obras literárias como "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, entre outras, leva-nos a compreensão da realidade social nordestina, enfatizando a estrutura sócio-econômica, suas crises e redefinições, analisando os conflitos e os problemas da seca enquanto caracterização e justificação dos protótipos do nordeste e do nordestino.

O que inspira e impulsiona o romancista é este meio, essa realidade hostil que se apresenta como fonte de experiência devido as constantes vivências com as estiagens e seus conseqüentes efeitos para a população que aí vive. É a vida cotidiana como ponto de partida e de chegada para as formas mais simples e mais complexas de criação e reprodução de uma realidade.

E a literatura, enquanto uma das fontes de expressão cultural, é o instrumento para a elaboração e desenvolvimento do processo de transmissão do conhecimento fornecido pôr esta realidade. Contribuindo portanto, essencialmente para o seu entendimento.

A família nordestina é abordada historicamente em muitos romances regionais como o Quinze, as três Marias e Caminhos de Pedra, de Rachel de Queirós; Luzia Homem de Domingos Olympto; A Bagaceira e Coiteiros de José Américo; Vidas Secas e São Bernardo, de Graciliano Ramos, dentre outros romances que mostram o perfil de famílias que vivenciam uma realidade de seca. Nesta realidade, devido as constante ocorrências do fenômeno, quando não são desagregadas, pois o pai tem que buscar sobrevivência para os filhos e a mulher, em outras regiões, são famílias inteiras obrigadas a deixarem sua terra natal para buscarem sobrevivência em terras alheias.

Nestes discursos literários, a família nordestina ganhou uma série de características que peculiarizou sua sociedade. É composta pôr homens valentes, destemidos, "machos sim senhor", pôr isso não "levam desaforos pra

casa". Nunca visualizamos um pai de família ou um filho adulto sentindo dor, temor, medo ou qualquer outro sentimento que demonstre "covardia", pois isto fere a sua masculinidade. São "cabras-da-pestes", caracterizados como viris, rijos, fortes, heróis do sertão que honram as calças que vestem, símbolos da masculinidade e da integridade, que mandam e desmandam pelo simples e maravilhoso fato de terem nascidos homens.²

Enquanto que as mulheres destas famílias são desenhadas pela literatura regional como sinônimo de benevolência e passividade, de silenciosas matronas ou obedientes mulheres que se calam, engolem o choro e as palavras, que gaguejam quando vão pedir ou falar algo aos seus maridos. São mulheres que sentem, mas nem sempre extravasam, que pensam, mas raras vezes falam; que choram em silêncio porque chorar é agredir os ouvidos dos seus senhores. Sendo ao mesmo tempo fortes, guerreiam junto aos homens em meios às macambiras e mandacarus, porém sem deixar de serem consideradas frágeis, que devem ser submissas e obedientes aos seus maridos.³

Tais estereótipos sociais adquirem em nossa literatura regionalista um peso tão grande que influencia muitos outros discursos que passam a ser aceitos como sendo intrínsecos à família nordestina, dos homens e mulheres que são fortes como a seca que aí castiga e que dá solidez ao desenvolvimento desse sentimento.

A criação deste estereótipo nordestino de homem valente, viril, honrado, vem sendo construído pôr uma larga produção cultural, desde o começo deste século, perpassando o universo da historiografia e da sociologia regionais, na literatura popular e na erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas das autoridades nordestinas, enfim, nas práticas discursivas e não discursivas o nordestino é estereotipado como macho, como uma figura de atributos notoriamente masculinos, mesmo os seus defeitos (como beber cachaça, maltratar a mulher, se envolver em contendas, disputas, pejejas, de andar com peixeira nos "quartos", se envolver em adultérios etc. Fazem parte de um universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade na sociedade nordestina.

A obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos é um exemplo de romance regional que pode ser tomado como fonte de estudo da família nordestina. Este romance não apenas registrou uma realidade de seca mas posicionou-se diante do grande flagelo que afeta o Nordeste brasileiro. Pode-se perceber o seu pensamento e suas críticas a uma realidade cruel, insólita, hostil e amarga.

A família descrita pôr Graciliano Ramos é composta pôr quatro membros; o pai, Fabiano; a mãe sinhá Vitória e os filhos, dois meninos que o autor não lhes dá nome, apenas se referindo ao filho mais velho e ao filho mais novo, além de uma cadela de nome Baleia que é tratada no romance como se fosse um outro membro da família.

Tudo o que o romancista Graciliano Ramos atribui a Fabiano, (personagem principal do seu enredo), sua mulher Vitória e a seus filhos, no romance *Vidas Secas*, são pensamentos e reflexões à altura do que poderia e ainda pode acontecer hoje a centenas de famílias que, como a de Fabiano, sofrem os martírios da seca. O que impulsiona os seres desta novela, o que lhes marca a fisionomia e os caracteres é o fenômeno das secas. É uma família de retirantes em busca de um novo pedaço de terra, quadro de pobreza e miséria, como judeus errantes em busca de uma nunca atingida terra promissora, tal como narra o autor:

"Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca".⁴

Portanto, como muitas famílias nordestinas mostradas em outros romances regionais, a família de Fabiano retratada pôr Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, é uma família pobre que sofre os flagelos da seca; fome, miséria e desemprego, sempre que se deflagra o fenômeno e são obrigados a deixarem o lugar em que vivem para irem em busca de sobrevivência em outra região. E nesta "peregrinação", além das intempéries da natureza, sofrem humilhações, privações, discriminações, injustiças e todo tipo de necessidade. Sem contar que talvez dessas

² OLIVEIRA, Iranilson Burity. *Além do Alpendre* (1999: 42)

³ *Idem*, *Ibidem*.

⁴ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas* (1994: 17)

outras regiões não possam mais voltar, pois viverão sempre endividados, pobres, miseráveis, sem condições de regresso à terra sofrida porém amada, apesar de tudo.

São situações que ainda continuam a ocorrer no semi-árido nordestino sempre que se deflagra uma seca, quando então famílias inteiras de "Fabianos" são obrigadas a migrarem para outras regiões, para as grandes cidades em busca de sobrevivência. Lugares estes, que o sertão nordestino continuará mandando homens fortes, corajosos, valentes e brutos como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino, de problema à solução*. Campinas, S.P.: UNICAMP 1988.

_____. *O Engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

ARANHA, Gervácio Batista. *História e Literatura: um debate interdisciplinar*. IN: Revista Tudo, Análises. Campina Grande: UFPB, 1494.

ARANTES, Antonio Augusto et all. *Colcha de Retalho: estudo sobre a família no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1994.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, 7ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 1º: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Iranilson Burity de. *Além do Alpendre: as imagens da família nordestina na ótica dos romancistas regionais (1889-1945)*. Recife, PE: UFPE, 1999.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, 66ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.